

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O presidente de Portugal, Marcelo citou Eça — e esqueceu o espelho

Publicado em 2026-01-02 16:32:24



BOX DE FACTOS

- **O gesto:** citar Eça no Ano Novo dá verniz literário ao ritual.
- **O silêncio:** omite-se a lâmina de Eça contra o compadrio e o país governado ao acaso.
- **O padrão:** Portugal adora palavras polidas e teme escolhas com custo político.



trocar dicção por decisão ?

Marcelo citou Eça — e esqueceu o espelho

Citou-se o nome. Guardou-se a ferida. E assim o país continua: muito bom em cerimónias, mediano em coragem, exímio em adiar.

Há uma arte nacional que não consta nos currículos: a **coreografia do “dizer bonito”**. O país reúne-se, endireita a gravata, afina o sorriso e distribui palavras como quem lança confetti — leve, brilhante, inofensivo. E no centro do palco, o Presidente faz aquilo que Portugal gosta: **pede elevação**, chama a “união”, pede “esperança”, e — para dar gravitas — convoca um clássico.

O presidente Marcelo citou Eça de Queiroz. Eça, esse inconveniente de bigode afiado, que escrevia com a elegância de um alfaiate e cortava com a precisão de uma lâmina. Só que, no nosso teatro, preferimos a moldura ao retrato: o nome do autor serve como incenso; o conteúdo, esse, fica no

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Há um Eça “de salão”, domesticado, que cabe bem num discurso institucional: o estilista da língua, o homem das frases impecáveis, o património nacional que não dá chatices. E depois há o outro: o Eça que descreve, com残酷 (crueldade lúcida), a **inércia**, o **comadrio**, a **política de expediente**, a **vaidade travestida de serviço público**. Esse é o Eça que não se cita por inteiro, porque estraga o ambiente. É como convidar um cirurgião para um jantar e ficar ofendido quando ele repara na gangrena.

O problema não é a citação. O problema é a **selecção moral** da citação: escolhe-se a parte que soa bem ao ouvido, rejeita-se a parte que dói na consciência. É uma técnica antiga: chamar “realismo” a tudo o que descreve a miséria, mas chamar “radicalismo” a tudo o que a tenta resolver.

A República do Verniz

Portugal tem uma relação afectiva com o verniz. O verniz brilha, protege, disfarça. E, como todo o verniz, não cura a madeira apodrecida — apenas faz de conta que a casa está sólida. Há décadas que vivemos nisto: **planos estratégicos** com nomes épicos, **comissões** com títulos solenes, **painéis** com pessoas sempre muito “competentes” — e, no fim, a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

uma coisa: a velocidade da Internet. De resto, reconheceria tudo. Reconheceria a **substituição do trabalho pela retórica**, do mérito pelo cartão de visita, da coragem pela prudência calculada. E notaria, com um sorriso tristemente divertido, que o país conseguiu modernizar-se na forma e manter-se arcaico no essencial: **a responsabilidade continua a ser um boato**.

O discurso como acto de higiene

Os discursos de Ano Novo são, em teoria, um momento de direcção. Em Portugal, são muitas vezes um momento de higiene: lavam-se as mãos com palavras. É tudo tão bem escrito, tão civilizado, tão “equilibrado”, que parece até que o país está a ser governado — quando, na verdade, está a ser **narrado**.

E quando a política vira literatura (da má), o cidadão vira personagem secundária: serve para bater palmas, pagar impostos e ouvir que “temos de fazer a nossa parte”. A parte do poder, essa, continua a ser escolhida com delicadeza: **não incomodar ninguém que possa incomodar de volta**.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

maldade, mas por profilaxia. Ela lembra-nos que há gente muito capaz de brilhar em inaugurações, muito capaz de sorrir para fotografias, muito capaz de falar como se a realidade fosse um parágrafo que se edita. E depois... depois vem a crise, vem a decisão, vem a escolha difícil — e o Estado revela a sua fragilidade crónica: **um gigante de papel, com voz de ouro e músculos de areia.**

Marcelo citou Eça, mas esqueceu a crítica social dele. Talvez por lapso. Talvez por instinto. Talvez por um pudor institucional: afinal, é incômodo dizer ao país, num brinde televisivo, que a nossa grande tradição é a **gestão do acaso**.

Epílogo: citem-nos o espelho, não o perfume

O país não precisa de mais citações. Precisa de mais **consequências**. Se querem citar Eça, citem-no como ele era: um homem que escrevia para expor, não para embalar. Um homem que não fazia literatura para decorar o poder — fazia literatura para o incomodar.

Porque a verdade é simples e pouco ceremoniosa: enquanto continuarmos a preferir a frase bem dita à decisão bem feita, teremos sempre muitos “estadistas” de microfone e poucos estadistas de obra. E no próximo Ano Novo voltaremos ao ritual: uma citação, um sorriso, um país

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Francisco Gonçalves

Co-autoria editorial: Augustus Veritas [AI Assistant] — porque às vezes é preciso um algoritmo para lembrar o óbvio : um país que se mantém na aparência todo vestido de modernidade, mas que na essência se mantém igual a si próprio, um país sequestrado por interesses privados e que governa em nome do povo.

“Ordinariamente todos os ministros são inteligentes, escrevem bem, discursam com cortesia e pura dicção, vão a faustosas inaugurações e são excelentes convivas. Porém, são nulos a resolver crises. Não têm a austeridade, nem a concepção, nem o instinto político, nem a experiência que faz o Estadista. É assim que há muito tempo em Portugal são regidos os destinos políticos. Política de acaso, política de compadrio, política de expediente. País governado ao acaso, governado por vaidades e por interesses, por especulação e corrupção, por

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Nota: in "O distrito de Évora" (1867) Fonte: [Extraido de site Citacoes.in](#)



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)